



O USO DAS REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO

Raianny de Souza Lacerda – raianny_lacerda18@hotmail.com

Vivian Galdino de Andrade - vivetica@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

RESUMO: Este artigo é fruto do meu trabalho de conclusão de curso, intitulado “*As redes sociais na educação – refletindo a experiência do Projeto Prolicen*”. Fruto da minha participação como bolsista, o projeto objetivava proporcionar: 1. a formação teórica sobre as redes sociais e as Novas Tecnologias; 2. historicizar o desenvolvimento destas redes na sociedade; 3. elaborar ambientes educativos personalizados, com ações planejadas nas redes sociais e 4. auxiliar os participantes na criação e utilização das redes com vistas a orientar, por meio da realização de um minicurso, do qual fui monitora, o manuseio e o desenvolvimento de técnicas para a realização de atividades educativas. Em ambos os trabalhos realizados, trabalhamos as redes sociais como ferramentas pedagógicas de inclusão digital, desde que estivessem direcionadas para uma finalidade educativa. Nossa proposta, para este artigo, é de apresentar meios e funções para a utilização destas redes dentro da sala de aula, mas também fora dos muros da escola. Priorizamos a discussão teórica sobre as redes sociais mais utilizadas atualmente, quais sejam o Facebook, WhatsApp, Blog e YouTube e traçamos desde a concepção/definição destas redes até o seu surgimento e utilização no cenário educacional. Apresentamos ainda suas possibilidades pedagógicas e situamos o leitor em redes já renomadamente reconhecidas como educativas. Sabemos que, atualmente, elas fazem parte da rotina de milhares de pessoas por todo o mundo, influenciando no surgimento de novas formas de incluir, produzir, criar, ler e compartilhar conteúdos. Diante deste esboço dos caminhos percorridos, nos amparamos em teóricos como João Mattar e Carlos Morais, dentre outros, que se dedicam a estudar as TIC e suas relações com a Educação.

PALAVRAS-CHAVE: TIC, Redes Sociais, Educação.

O poder que as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) têm exercido dentro do processo de ensino-aprendizagem tem sido destacado como bastante significativo, pela atração e dinamicidade que promovem. Além de possibilitar práticas sócio-educativas nas escolas, as TIC também têm sido utilizadas para a consolidação da inclusão digital, principalmente entre o público de crianças, adolescentes e jovens. A inserção das TIC na educação passa, assim, de uma novidade para uma necessidade, se transformando em uma prerrogativa para o estabelecimento de novas relações de ensino-aprendizagem.

Muitas vezes relacionadas a bate-papos e conversas superficiais, as redes sociais podem se transformar em ambientes educativos, quando associam estratégias de aprendizado a vínculos mútuos, que desenvolvem círculos sociais motivados por um interesse em comum. Podendo responder a diversos propósitos, as redes sociais podem trabalhar desde o compartilhamento de vídeos e referências bibliográficas às dicas de filmes educativos, pesquisas em sites especializados e disseminação de notícias e atualidades. Por meio delas, ainda se torna possível a realização de passeios virtuais a museus, a implementação de



pequenos textos (escritos, de áudio e vídeo) de autoria própria, como também a indicação de blogs, softwares e textos de conteúdo educativo.

Neste contexto, as redes sociais são aqui consideradas por nós como um importante caminho para gerar motivação para aprender de forma contextualizada, atribuindo significado ao conhecimento. Elas têm se revelado ainda como ferramentas de interação e inclusão para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, quando perpassadas por um planejamento pedagógico.

O professor que se utilizar dessas redes deve estar disposto a superar as dificuldades encontradas na sala de aula, tais como a possível falta de uma internet de qualidade, de apoio dos demais professores e de formação adequada para manuseá-la. Por ser uma nova proposta de ensino, é preciso dominar o conteúdo e os recursos tecnológicos envolvidos, acompanhando, aprendendo e elaborando novas atividades que tomem a web 2.0 como suporte de produção. Nessa perspectiva, Kenski (2003, p. 105) aponta o papel do educador nesse processo:

A ação docente mediada pelas tecnologias é uma ação partilhada. Já não depende apenas de um único professor, isolado em sua sala de aula, mas das interações que forem possíveis para o desenvolvimento das situações de ensino. Alunos, professores e tecnologias integrando com o mesmo objetivo geram um movimento de descobertas e aprendizados.

Com o uso das redes no contexto escolar, abrem-se possibilidades de mudança, tanto relativas à postura do professor quanto a do aluno, antes considerado sujeito passivo na aprendizagem, e agora ressignificado como sujeito ativo e participante do seu processo educativo, contemplando um dos primeiros passos para a inclusão deste sujeito nas propostas pedagógicas. Além disso, com a utilização de um ambiente comum para professores e alunos, aumenta-se a possibilidade da interação social, principalmente facilitando a inserção dos indivíduos mais tímidos, fortalecendo os vínculos sociais.

AS REDES SOCIAIS E A WEB 2.0

O conceito da Web 2.0 surge pela primeira vez em 2004, com o objetivo de criar uma sustentabilidade teórica para as mudanças que estavam ocorrendo na rede mundial de computadores. Ele veio a sobrepôr a Web 1.0, plataforma em que o usuário tinha uma atuação passiva, sendo apenas um expectador. Nela não acontecia um *feedback*¹. Na Web 2.0, ele passa a ser autor, pois interage de forma dinâmica: lê, modifica, cria e recria conteúdos. Como

¹ Dentro do âmbito da Comunicação *feedback* é uma resposta que se dá ou se envia, um retorno, um parecer em comunicar algo a partir de uma comunicação original ou provocado por essa.

pontua Mattar (2013) na Web 2.0, o usuário não é mais concebido apenas como um consumidor passivo, mas agora também como co-desenvolvedor de software, que vai se tornando melhor conforme é mais utilizado e modificado pelos usuários.

Dentre as gerações da Web, também chamadas de “geração net”², temos também a Web 3.0³. O termo foi proposto pela primeira vez por John Markoff, um jornalista do The New York Times, em 2006. Ele surge dentro de um artigo publicado pelo jornalista, intitulado “Empreendedores vêm uma internet 3.0 guiada pelo senso comum”. Segundo Markoff, a meta dos cientistas da computação era adicionar uma camada de significado sobre a internet já existente, o que a tornaria menos catálogo e mais um guia, uma espécie de sistema que possa raciocinar como o ser humano. Parafraseando Tim Berners Lee⁴, temos que a Web 3.0, ou a: “Web semântica é uma extensão da Web atual onde a informação terá um significado bem definido, permitindo que computadores e pessoas trabalhem em melhor cooperação”.

Web 1.0	Web 2.0	Web 3.0
Sites com conteúdos estáticos e fechados	Ambientes propícios a criação e manutenção de redes sociais	É um espaço que se caracteriza pela sua inteligência, sociabilidade, rapidez, facilidade e distribuição.
Sites produzidos geralmente por empresas e instituições	Ampla diversidade de conteúdos administrados pelos usuários	Softwares livres
Pouca interatividade entre os internautas.	Conteúdos e sítios flexíveis, em permanente transformação. Intensa interatividade com os internautas	Define um modelo de dados, uma linguagem de consulta, adiciona estrutura semântica e na trabalha com a Web “real”.
Informação pouco atualizada	Informação em permanente mudança e atualização	Busca construir uma internet com sentido semântico, por meio de espaços tridimensionais
Considerada estruturada. Web meramente informativa	Considerada colaborativa. Web bi-direcional	Considerada semântica
Exemplos: Altavista, Geocities, Yahoo, Cadê, Hotmail, DMOZ	Exemplos: Redes Sociais e Blogs	Exemplos: iGoogle, NetVibes

FONTE: Quadro comparativo elaborado pelas autoras com base em informações existentes em domínio público (2016)

Neste bojo, podemos concluir que a Web 1.0 marcou a implantação e a popularização da rede. A Web 2.0 situa o período em que vivemos hoje, baseada em sites de colaboração (YouTube), de relacionamento social (Facebook) e de busca (Google). Já a Web 3.0 objetiva

² Geração Baby Boomer, Gerações X, Y e Z, Geração Alpha. “Estas gerações representam, em uma análise histórica e sociológica, grupos de indivíduos que nasceram e cresceram em dada época e que tiveram sua vivência e visão de mundo impactadas pelos mesmos eventos, fatos históricos, momentos políticos e sociais e pelas tecnologias de seu tempo” (SANTOS e LISBOA, 2014, p.99).

³ E já se comenta sobre a existência da Web 4.0, uma nova era informacional baseada em um sistema operacional e dinâmico. Para maiores informações confira: <<http://www.internetinnovation.com.br/blog/glossario/como-sera-a-web-4-0-2/>>.

⁴ Tim Berners Lee é considerado o Pai da Web, a rede por trás da sigla WWW, a World Wide Web. Texto disponível no site <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/TimBeLee.html>>. Acesso em 27/05/2016.



ser a organização e o uso de maneira mais inteligente de todo conhecimento que compõe a internet. Diante destas considerações passamos a trabalhar as redes sociais mais utilizadas na atualidade: YouTube, Facebook, Blog e o WhatsApp, como espaços democráticos de utilização, inclusão e produção coletiva, até mesmo no meio educacional.

YOUTUBE

Vídeos têm sido cada vez mais utilizados como recurso pedagógico dentro e fora da sala de aula. O uso de vídeos em educação respeita as ideias de múltiplos estilos de aprendizagem e de múltiplas inteligências, ou seja, muitos alunos aprendem melhor quando submetidos a estímulos visuais e sonoros, em comparação com uma educação tradicional, baseada principalmente em textos.

O YouTube⁵, lançado em 2005 e adquirido pelo Google em 2006, apresenta inúmeros recursos que, à primeira vista, podem não demonstrar nenhum uso pedagógico, mas que podem ser utilizados com muito sucesso em educação. Seu nome vem do inglês e simboliza, não ao pé da palavra, algo como "Você transmite". Este programa de compartilhamento trabalha com a reprodução de vídeos baseada na tecnologia do Adobe Flash Player, que permite a exibição de vídeos em boa qualidade. Berti (2010, p.1) assinala que o YouTube “[...] é o maior sítio de compartilhamento e exibição de vídeos do Mundo e responsável por uma das mudanças nos processos comunicacionais mais rápidos da história comunicacional, principalmente colocando à tona o receptor no processo da comunicação, antes tido como um elemento secundário quando ocorria comunicação massiva”.

Temática ainda pouco debatida, esta rede apresenta diversas funções e finalidades, que variam desde as empresariais e publicitárias, às voltadas apenas ao entretenimento. Ao tornar qualquer sujeito o autor de seu próprio produto, o YouTube permite ao internauta visibilidade, além da possibilidade de conquista de seguidores por meio dos seus canais. Fórum de medida de gostos musicais, posições políticas, manuais e tutoriais e etc., esta rede passa a ser vertiginosamente utilizada. Dentre suas finalidades educacionais, apontamos o uso dos vídeos que podem, por exemplo, ser coletados e organizados em listas de reprodução, listas rápidas

⁵ Inúmeras são as versões encontradas na Internet, de maneira não oficializada, que apontam a história de surgimento do YouTube. Citamos uma delas: “Os sites de vídeos YouTube foi inicialmente concebido numa garagem da cidade de San Francisco (Califórnia, EUA). Foi lá que, em fevereiro de 2005, os funcionários de uma empresa de tecnologia (PayPal), chamados Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, iniciaram a criação de um programa de computador para compartilhar vídeos. Depois de vinte meses, essa invenção foi comprada por US\$ 1,654 bilhão pelo Google”. Disponível em: <<http://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/a-origem-do-youtube.html>>. Acesso em 24/05/2016.

ou favoritos. É possível participar, ainda, de grupos dedicados a determinados temas e inclusive assinar canais de instituições de ensino. Materiais e objetos didáticos podem ser produzidos, publicados e consultados nesta rede, ampliando o acesso e democratizando o saber. Como citado por Mattar (2013, p. 109-110)

Na tentativa de ser cada vez mais presente no cotidiano das pessoas o YouTube lançou um exclusivo serviço para escolas, reunindo conteúdos educativos e filtrando os vídeos com assuntos que dispersam a atenção dos alunos. O YouTube for School⁶ foi criado em respostas as demandas de professores e escolas dos Estados Unidos que acreditam que a limitação dos vídeos disponíveis para os alunos seja a solução para que o acesso ao site seja permitido nas escolas. Assim o YouTube for School permite que as escolas escolham os vídeos que desejam exibir aos alunos em um ambiente seguro, sem que vídeos similares sejam sugeridos.

Além das possibilidades de abertura de canais exclusivos, no YouTube é possível ainda construir ambientes pessoais de aprendizagem⁷ como favoritos, listas de reprodução, inscrições, amigos etc. Criar canais que trabalham com diversas modalidades e temáticas. E, além destes benefícios, o YouTube também se revela numa eficiente ferramenta de publicização e democratização de seu conteúdo. Nesse sentido, pode-se pensar em dois tipos de interação: uma interação básica, já que o usuário pode parar e voltar o vídeo quando quiser, e uma interatividade mais ampla, que pode ser construída por *playlists* (listas de reprodução) e links que permitem que o usuário pule de um vídeo para outro, além do recurso de comentários, que permite um *feedback* ao produtor/autor.

Essa ausência de fronteira entre emissor e receptor é uma das diversas dinâmicas desta rede, que prioriza a comunicação. Dentro da Educação, o YouTube também disponibiliza o YouTuber Teachers⁸, uma ferramenta que procura ajudar professores no uso educacional dos vídeos do YouTube, oferecendo *playlists* em diversas disciplinas. A extensa abertura deste sítio representa seu benefício mas também sua limitação. Por violação dos direitos autorais muitos vídeos são frequentemente retirados do YouTube, representando algumas de suas limitações quando não impõem normas e regulamentos de publicação e downloads dos vídeos.

Constatamos, assim, que o YouTube é uma ferramenta que ajuda a reposicionar a função dos agentes envolvidos no processo educacional, melhorando a comunicação entre professores e alunos e trazendo para a aula uma dinâmica relacional que busca otimizar o desenvolvimento das competências e habilidades pouco exploradas em uma aula tradicional.

⁶ Para conhecê-lo consulte o seguinte endereço eletrônico: < <http://www.youtube.com/schools>>

⁷ Como o YouTube Edu (<https://www.youtube.com/educacao>) e o Portal Educação (<https://www.youtube.com/user/PortalEducacao>).

⁸ Acesse o site <<http://www.youtuber.com/teachers>> e o conheça.

Portanto, o YouTube tem um potencial interativo que merece ser melhor explorado no campo educacional, se revelando como uma poderosa ferramenta pedagógica no ensino.

FACEBOOK

O Facebook é um website de relacionamento social lançado em 4 de fevereiro de 2004. Foi fundado por Mark Zuckerberg, um ex-estudante de Harvard. Inicialmente, a adesão ao Facebook era restrita apenas aos estudantes do Harvard College. Ela foi expandida ao Massachusetts Institute of Technology, à Boston University, ao Boston College e a todas as escolas Ivy League dentro de dois meses. Muitas universidades individuais foram adicionadas no ano seguinte. Em 2005, com o sucesso em Harvard, o site se expandiu para outras universidades dos Estados Unidos e de outros países e mudou de nome para "Facebook", como é conhecido até hoje.

Em 2016 o Facebook está como a rede mais acessada no Brasil. Sua definição parte do entendimento de seu próprio nome, composto por *face* (que significa cara) e *book* (livro). Traduzindo em termos literais, Facebook significa "livro de caras". Esta rede permite a criação de uma página personalizada, que apresenta interesses pessoais, escolhas e gostos de seu autor. É responsável por uma 'sociabilidade virtual'⁹ constante, definida como:

Sociabilidade, termo sinônimo de sociável, refere-se aquele indivíduo que é aberto ao convívio social, afável. Muito ligado à Sociologia, a sociabilidade virtual refere-se à capacidade dos indivíduos de estabelecerem relações e convívios sociais no mundo virtual e digital, através da rede mundial de computadores, a internet, utilizando, para isso, de sítios especializados em relacionamentos e agrupamentos sociais, como o Orkut, MySpace, Facebook, Twitter, etc. (Sociedade de Informação e Tecnologias - SITE¹⁰)

Contestando a sociabilidade real, qual seja, aquela que se dá de forma física e presencial, a sociabilidade virtual parte da ausência do corpo físico, com um conjunto de expressões visíveis nas interações virtuais. É posta, muitas vezes, como superficial¹¹ e inexistente, por remontar aquele velho debate entre o que é virtual e o que é real, perpassando a ideia que são noções díspares e que se distinguem. Lidando diretamente com o convívio

⁹ O nosso encontro com este conceito já foi tardio, por isso não encontramos nenhum teórico para subsidiá-lo. Mas a intenção com que o utilizamos é bem esclarecida pela Sociedade de Informação e Tecnologia (STIe), um blog que trabalha conceitos teóricos, quando define a sociabilidade virtual a partir da sociabilidade real, distinguindo-as.

¹⁰ É um blog destinado a trabalhar conceitos e teorizações. Está disponível no seguinte endereço eletrônico: <<https://sociedadeinformacaoetecnologias.blogspot.com.br/>> Acesso em 24/05/2016

¹¹ Zygmunt Bauman, autor do livro "Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos" (2004), discute sobre os laços humanos no dia de hoje e aponta uma significativa reflexão sobre a amizade no Facebook, constatando como a sociabilidade virtual ocorrida neste sítio pode ser superficial. Para ter acesso a esta discussão confira <<https://www.youtube.com/watch?v=5Lm2O3Q56Wg>>. Acesso em 24/05/2016



virtual, o Facebook passa a ser considerado um site específico de relacionamentos e interações virtuais, que simula ou apresenta um sujeito a partir de caracterizações, dispostas na criação de um perfil (informações pessoais, acompanhada por foto), lista de amigos, lista de fotos, grupos e demais informações que dão forma ao sujeito participante da rede. Talvez estas sejam algumas razões que possam dimensionar certa resistência de alguns docentes em considerar esta rede como um espaço educativo. No entanto, Mattar (2015), relata que:

[...] por exemplo, notam que parecem haver relutância, tanto por parte de professores quanto de alunos em usar o Facebook para objetivos educacionais, embora exista uma porcentagem significativa de alunos usando ou querendo usar em suas experiências educacionais. E concluem: Em nosso ponto de vista, software de redes sociais como o Facebook, oferecem oportunidades únicas para a educação, facilitando a comunicação, fomentando uma comunidade de aprendizagem e promovendo competências do século XXI.

Como aponta o autor, esta rede social proporciona uma vasta lista de ferramentas e aplicações que permitem aos utilizadores comunicar e partilhar informação, assim como controlar quem pode receber informação específica ou realizar determinadas ações. Portanto, dada a crescente tendência dos discentes no uso de redes sociais, propusemo-nos explorar e identificar o potencial educativo do Facebook, mostrando os recursos disponíveis que podem ser explorados dentro do processo de ensino:

- *Mural*: Pode servir como um espaço de comunicação e discussão. Alunos e professores podem ser marcados para incentivar sua participação, criando um vínculo maior além da escola;
- *Bate papo*: Serve como um importante canal de comunicação. Uma forma de ter contato maior e se aproximar daqueles alunos mais tímidos em sala, dando a liberdade de fazer perguntas sem ter vergonha dos colegas;
- *Grupos*: Espaços online onde as pessoas possam interagir e compartilhar recursos e comentários. É uma maneira de alunos e professores trabalharem em projetos colaborativos, sendo possível criar grupos abertos, privados e secretos que mantêm a privacidade de seus membros e dos temas discutidos. Quando um dos membros posta algo no grupo os outros membros recebem uma mensagem do Facebook com a devida atualização.
- *Páginas*: Uma maneira simples para professores e alunos compartilharem vídeos, links, artigos. É possível também fazer notas e comentários, além de vários outros aplicativos que podem ser adicionados. Por exemplo, a criação de uma página para uma disciplina, aonde os alunos possam curtir e atualizar de acordo com o que o professor estará postando. Entretanto, ao contrário dos grupos, as páginas são abertas, isso quer dizer que se torna automaticamente de uso público;
- *Eventos*: Pode ser utilizado para criar um evento que lembre aos alunos datas de provas, data de entrega de trabalhos e etc.



Os blogs são considerados ícones da Web 2.0, tornando-se em pouco tempo populares em praticamente todas as áreas, principalmente por suas funções e possibilidades. Essa facilidade em produzir conteúdo para uma página personalizada, com publicação de posts, links e imagens demonstra seu potencial de interação. O blog é uma ferramenta de destaque na educação contemporânea e estimula a autoria e a autonomia dos sujeitos. Conhecido também como weblogs (*web* que significa página da internet, e *log*, diário de bordo), estas páginas podem dar visibilidade a ideias, projetos, atividades e instituições.

Um blog pode ser utilizado para diversas funções na educação, tanto para discutir notícias e temas da atualidade, quanto para publicar trabalhos desenvolvidos, propor questões para debate, se tornar uma plataforma para um curso e representar uma instituição. Abaixo listamos dez blogs que podem ser utilizados no ambiente educacional, são eles:

BLOGS DE EDUCAÇÃO	ASSUNTO
EDUCA JÁ	Elaborado pela pedagoga e escritora paulista Cybele Meyer, engajada com vários assuntos referentes à educação, o blog traz uma série de textos que refletem assuntos ligados ao ensino infantil, sustentabilidade, literatura e conteúdos para sala de aula. O blog está no ar desde 2007, sempre com novidades. http://educaja.com.br/
OFICINA DA EDUCAÇÃO	Blog escrito pela professora Gládis Leal, direcionado ao uso de tecnologia no ensino, com dicas e explicações de como fazer uso de jogos e ferramentas para diversificar e enriquecer a didática em sala de aula. http://of2edu.blogspot.com.br/
CANTINHO ALTERNATIVO	O Blog da professora Greice Amorim é dedicado ao mundo do ensino infantil, compartilha com pais e mães textos que ajudam na tarefa de alfabetizar e de enriquecer o universo lúdico do ensino para crianças. http://cantinhoalternativo.blogspot.com.br/
PENSAR ECO	Destaca-se pelo comprometimento com a ecologia e a sustentabilidade, apesar de não ser voltado diretamente para sala de aula, dispõe de conteúdo que pode ser trabalhado com alunos. O blog é da Érica Sena, formada em ciências biológicas e gestão ambiental, está no ar desde 2009. http://pensareco.blogspot.com.br/
BLOG DA PROFESSORA VALDETE CANTU	Blogue da professora Valdete Cantu, destina-se a ao ensino infantil e diversos outros assunto do aprendizado escolar. Compartilha atividades e textos que podem ser feitos em sala de aula, além de temáticas que servem de base para a formação de professores. http://profvaldetecantu.blogspot.com.br/
O MUNDO DA ALFABETIZAÇÃO	Blog voltado ao ensino infantil, traz materiais para professores e pais, atividades didáticas para serem desenvolvidas com as crianças no processo de alfabetização. A educadora Tatiana Sibovitz comanda o blog desde 2007. http://tatiana-alfabetizacao.blogspot.com.br/
UTILIZANDO MÍDIAS NA	Blog com conteúdo para professores e alunos, com uma temática voltada ao uso das mídias na educação. Compartilha textos, links e vários materiais para os leitores com o objetivo



EDUCAÇÃO	de diversificar o conteúdo do aprendizado, a editora do site é a professora Fernanda Tardin. http://utilizandomidias.blogspot.com.br/
BIBLIOTEQUICES E AFINS	Site com conteúdo dedicado à literatura, ao universo dos livros. Profunda análise e várias informações sobre bibliotecas de todo o Brasil, além de indicações e análise de leitura. Quem gosta de ler vai encontrar bons materias no blog da bibliotecária Roseli Venâncio Pedroso. http://bibliotequiceseafins.blogspot.com.br/
GIBITECA	O blog Gibiteca está no ar desde 2007, o blog é ligado a iniciativa da Gibiteca, uma biblioteca de Gibis em Minas Gerais, que inclusive recebe doações de Gibis de todo o Brasil. A professora de história Natania Nogueira compartilha as experiências e projetos realizados em sala de aula para os internautas. http://gibiteacom.blogspot.com.br/
EDUCAÇÃO RELOAD	Site com dicas e técnicas para quem está se preparando para o Enem e para concursos públicos, o estudante pode se cadastrar e receber materiais para estudo no seu email, além de ficar por dentro de dicas e discussões sobre cursos e especializações. http://educaload.com/

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras com base em informações soltas existentes em domínio público (2016)

Tal ferramenta pode ser utilizada por professores para fornecer informações atualizadas e comentários sobre suas áreas de conhecimento, além de propor questões, atividades, exercícios, links para outros blogs etc. Outra proposta que pode se tornar bastante interessante para os alunos é que eles mesmos construam seus próprios blogs, despertando os desejos de autoria, de pesquisa e também de autonomia. Assim os alunos podem ler os comentários dos colegas, dos professores ou mesmo de pessoas que não participam do curso ou da sala de aula, recebendo assim um *feedback*. Rios e Mendes (2014, p. 162) alertam sobre duas possibilidades de usar o Blog em sala de aula, que diante de sua utilização diversifica a atividade a ser realizada pelo discente:

Na educação, os blogs têm sido amplamente utilizados como recurso ou estratégia pedagógica. Como recurso, os blogs caracterizam-se por viabilizar que o professor disponibilize materiais, dicas de leitura, vídeos, enfim, materiais que podem ser utilizados nas aulas ou em atividades extraclasse. Como estratégia pedagógica, podem ter a função de um portfólio, em que o aluno registra as atividades conforme o professor solicita; ou espaço de intercâmbio entre instituições geograficamente distantes, acerca de um tema em comum; e ainda, espaço de debate e integração.

O uso do blog como ferramenta de aprendizagem expande as paredes da sala de aula, gera a adesão de saber e permeia as diferentes maneiras de se aprender, podendo ajudar no desenvolvimento de habilidades específicas e alfabetizar os sujeitos na linguagem da sociedade de informação. Diversos aspectos ainda podem ser observados, tais como a questão das publicações, que precisam ser constantes e freqüentes, quando não são geram a sensação que os autores abandonaram e deixaram de escrever. A linguagem, o conteúdo publicado e o



aspecto gráfico também podem se revelar como problemas na gestão do blog, quando anunciam erros gramaticais ou conteúdos preconceituosos e violentos. É preciso estar atento as possibilidades, mas também as limitações dos blogs quando selecionados e utilizados no contexto educacional.

WHATSAPP

O WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens criado em 2009 pelo ucraniano Jan Koum e pelo americano Brian Acton. Hoje, propriedade do Facebook, o WhatsApp é uma multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular. Além das mensagens básicas, os usuários desta rede podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudios.

O que se verifica na utilização deste aplicativo é a ideia de bate-papo contínuo. Neste sentido, se torna possível compreendê-lo como um aplicativo de comunicação didático-pedagógico. Além disso, seus usuários podem criar grupos atualmente de até 256¹² participantes; enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio; compartilhar localização; fazer backup do conteúdo postado nos grupos, etc. As mensagens transmitidas quando o dispositivo está fora da área de cobertura ou desligado são automaticamente salvas e recuperadas quando a rede é restaurada ou quando o dispositivo for ligado. Outra vantagem é que não há necessidade de se lembrar senhas ou nomes de usuários, pois o aplicativo funciona através de números de telefone e se integra com a agenda de endereços.

Podemos nos apoderar dessa ferramenta para aproximação e comunicação entre alunos e professores, tendo em vista que a maioria se utiliza dessa rede. Versátil e interativo, o “zap” pode promover a interação dos estudantes acerca de uma temática específica, escolhida antecipadamente pelo professor, que como facilitador dinâmico e criativo mediará as discussões e a postagem de links e materiais.

Inúmeras são as maneiras de manuseio e também alto é o índice de publicações de professores na internet relatando sobre estas experiências educacionais¹³ em suas áreas específicas. Diretamente ligado ao uso do celular, este aplicativo se revela como uma de suas possibilidades, e, abre alas a um leque de utilizações:

¹² Este número pode sofrer alteração a cada atualização disponível na rede.

¹³ Patrício Câmara ARAÚJO e João Batista BOTTENTUIT JUNIOR relatam em seu artigo, *O aplicativo de comunicação WhatsApp como estratégia no ensino de Filosofia*, as inúmeras experiências que tomam o WhatsApp como recurso didático. Para maiores informações consultem <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/viewFile/22939/12666>>. Acesso em 27/05/2016.



- *Grupos*: A criação de um grupo no WhatsApp possibilita a interação entre os participantes e reforça o vínculo e o relacionamento entre eles. Por exemplo, uma turma pode ter seu próprio grupo, como mais um espaço para discussão da aula ou de alguma dúvida que possa ter permanecido;
- *Documentos*: Possibilita o envio de texto em PDF e demais mídias a serem compartilhadas no grupo;
- *Câmera*: Pode ser utilizada para o envio de foto;
- *Áudio*: O professor pode se utilizar dessa ferramenta para fazer perguntas e solucionar dúvidas;
- *Galeria*: Serve para enviar imagem, vídeo ou áudio salvo no próprio celular, enviando para o grupo ou individual, com intuito de levantar questionamentos.

Desta forma o WhatsApp pode ser uma ferramenta tanto para interação entre alunos e professores, como para aproximação e melhor compreensão sobre a forma de ensinar nos tempos atuais. A prática educativa atualmente já recorre também aos meios eletrônicos, e isto já demarca a ampliação, a abertura e a inclusão dessa nova cultura comunicacional, via redes sociais, no fenômeno educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir as redes sociais, como espaços de inclusão também na educação, se faz uma atitude necessária. No entanto, sabemos que incorporar uma nova concepção pedagógica por meio destas redes não é uma tarefa fácil, por isso apresentamos neste artigo diversas possibilidades de uso destas redes (Facebook, YouTube, WhatsApp e Blog), com o intuito de desenvolver habilidades cognitivas (tais colaborativas, icônicas, de executar múltiplas tarefas, de zapear e de comportamento não linear). Por fazerem parte do cotidiano dos sujeitos a utilização destas redes sociais no campo educacional geraria identificação, motivando e estimulando os discentes a uma prática de autoria e produção pela e na internet. A geração net (em todas as suas instâncias, X, Y, Z e etc) possui grande familiaridade com estes recursos tecnológicos, e fortuitos seriam os encontros virtuais numa sala de aula, presencial ou à distância.

Devemos salientar que a tecnologia, por si só, não gera nenhuma transformação. Ela tornou-se um meio eficaz e fundamental de colaboração e inclusão no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, é preciso que os professores estejam adaptados à tecnologia, tornando-se usuários conectados aos recursos oferecidos pela *web*, mas também produtores deste conhecimento virtual que é compartilhado nela. As redes sociais seriam, assim, ambientes educativos e inclusivos quando planejados para tal fim.

REFERÊNCIAS

BERTI, Orlando Mauricio de Carvalho. **YouTube e o fim da televisão no Brasil**. Grupo Temático de Produção e Recepção do XIV CELACOM – Colóquio Internacional da Escola Latino-Americana de Comunicação. Memorial da América Latina, São Paulo (SP), Brasil. De 17 a 19 de maio de 2010

BARBOSA, Ronaldo. **Perspectiva do uso do computador no ensino**. Anuário da Produção Acadêmica Docente. Vol. III, nº 5, 2009.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **REDES SOCIAIS, LIMITES E POTENCIALIDADES: o caso de algumas páginas eletrônicas de grupos cristãos progressistas**. Revista diária. João Pessoa. Disponível em: < <http://consciencia.net/redes-sociais-limites-e-potencialidades-o-caso-de-algumas-paginas-eletronicas-de-grupos-cristaos-progressistas/>>. Acesso em 30/05/2016

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MATTAR, João. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

_____. **Facebook em educação**, 2012. Disponível em: < <http://goo.gl/fHvo2r>>. Acesso em: 08 mai. 2015.

MORAIS, Carlos; MIRANDA, Luísa; ALVES, Paulo; DIAS, Paulo. **Atividades desenvolvidas nas redes sociais por estudantes do ensino superior**. In Dias A. P.; Osório (Orgs.) VII Conferência Internacional de TIC na Educação. Braga: Universidade do Minho, Centro de Competência. p. 1535-1546, 2011.

RIO, Gabriela Alias; MENDES, Enicéia Gonçalves. **Uso de blogs na educação: Breve panorama da produção científica brasileira na última década**. Revista Eletrônica de Educação, v. 8, n. 2, p. 160-174, 2014. ISSN 1982-7199. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br> Acesso em: 30/05/2016

SANTOS, Wandressa Puga dos; LISBOA, Wellington Teixeira. **Características psicossociais e práticas de consumo dos “nativos digitais”: implicações, permanência e tendências na comunicação organizacional**. Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS, vol. 03, n. 06, p. 98-110, jan-jun 2014. Disponível em < <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/6/7.pdf> > Acessado em 30/05/2016